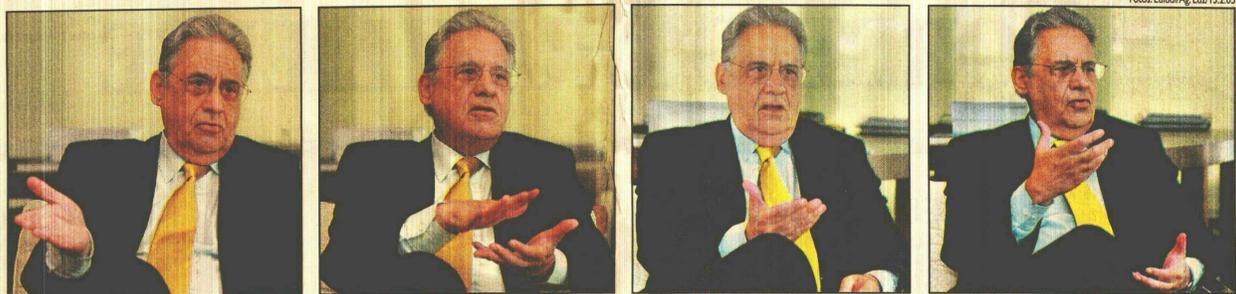


CORREIO BRASILIENSE

BRASÍLIA, DOMINGO, 20 DE FEVEREIRO DE 2005
 Editor: Oswaldo Buarim Jr.// oswaldo.buarim@correioweb.com.br
 Subeditores: José Carlos Viteira, Leonardo Cavalcanti e Robson Barinho
 Coordenadora: Erica Andrade
 e-mail: politica@correioweb.com.br
 Tels. 214-1104 • 214-1186 • fax: 214-1155

Luz/Ag. Luz/15.2.05



Fotos: Luz/Ag. Luz/15.2.05

ENTREVISTA // FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Ex-presidente acusa o Planalto e o PT de transformarem os partidos “numa geléia” para governar

GUILHERME EVELIN
 DA EQUIPE DO CORREIO

O maior adversário do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na eleição presidencial de 2006 será o PT. Essa é a avaliação do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Em entrevista ao Correio Braziliense, ele disse que o problema de Lula é o anacronismo político

co dos dirigentes petistas. “Em nome do que se imagina que sejam os melhores ideais, querem voltar ao passado”, critica Fernando Henrique. Presidente de honra do PSDB, FHC vê possibilidades de os tucanos derrotarem Lula, no próximo ano, num confronto de estilos. “Se o PSDB conseguir mostrar — ‘olha só o que essa garganta toda deu’ — pode ganhar”, diz, ao elogiar o jeito seco e direto do

governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Na opinião de Fernando Henrique, Alckmin, junto com o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, é o nome mais forte de que o PSDB dispõe para enfrentar Lula. O ex-presidente recebeu o Correio poucas horas depois da vitória do deputado Severino Cavalcanti (PP-PE) na disputa pela presidência da Câmara. Fernando Henrique viu na eleição

de Severino o resultado de uma preocupante deterioração do quadro partidário, na qual o governo Lula tem boa parcela de responsabilidade. “Um governo que se elegeu com a história de um partido devia ter entendido que eles são importantes e que não vale o preço destruí-los para poder governar”, diz o ex-presidente. Ele está dedicando a maior parte do seu tempo à finalização do livro

de memórias que será lançado no segundo semestre. Não será nada parecido com a autobiografia do seu amigo Bill Clinton, uma macaroca de 900 páginas. “Do livro do Clinton, só li o começo e as partes referentes a mim”, confessa FHC. A seguir, os principais trechos da entrevista em que o ex-presidente voltou a mostrar o proverbial bom humor e a destilar ironia contra os petistas.

“Não vale destruir”

CORREIO BRASILIENSE — Em que a eleição do deputado Severino Cavalcanti para a presidência da Câmara muda o quadro político?
 FERNANDO HENRIQUE CARDOSO — O Congresso, depois de um tempo, procura mostrar sua independência. O sinal habitual acontece na votação de uma matéria não muito importante. Esse caso foi mais grave porque mexe com o terceiro cargo na sucessão presidencial. Se o governo fizer a leitura correta, deve mudar. Mas o que me preocupa não é tanto a eleição de A, de B ou de C. Tenho muitos anos de janela e não me lembro de ter visto nenhum momento de tanta confusão partidária. Um governo que se elegeu com a história de um partido devia ter entendido que os partidos são importantes e que não vale o preço destruir partidos para poder governar.

uma posição nítida. Tem de dizer com clareza: “estou contra”, e porque estou contra. Alguém interpretou que eu queria uma oposição com gosto de sangue na boca. Não é o meu estilo. Eu prefiro ter a boca cheia de açúcar. Mas tem de ter firmeza.

CORREIO — Lula vai chegar muito forte para a reeleição em 2006 se o atual cenário de crescimento econômico persistir?

FERNANDO HENRIQUE — No Brasil, é muito difícil fazer previsão com dois anos de prazo. Aqui em São Paulo, a prefeita Marta Suplicy, três meses antes da eleição, era imbatível. A economia ia muito bem, obrigado. E a Marta perdeu. Quando a economia vai mal, é muito pouco provável que o governo ganhe. Quando ela vai bem, é mais fácil para o governo, mas não é garantia. Não sei como a economia vai estar daqui a dois anos. O maior adversário do governo Lula é o PT. É por causa do anacronismo. Isso não quer dizer que não haja esquerda e direita, progressista e atrasada. Mas progressismo não é isso que eles pensam que é. Em nome do que se imagina sejam os melhores ideais, querem voltar ao passado.

quele momento que não dava para arriscar. Em 2002, ganhou o Lula porque acharam que dava para arriscar. Não sei se em 2006 o sentimento não será outro. Se o PSDB conseguir mostrar ‘olha só no que essa garganta toda deu’, pode ganhar. Nós temos outro estilo, com um pouco mais de segurança, certeza, clareza, competência na gestão, um pouco mais de simplicidade, sem tanta retórica. Foi a uma solenidade com o governador Alckmin (*Geraldo Alckmin, de São Paulo*). Ele é outro estilo é mais direto. Sabe do que está falando, fala com propriedade. Será que não é isso, daqui a dois anos, que o Brasil vai querer?

CORREIO — Poi que o senhor se referiu a esse estilo do governador Geraldo Alckmin como anti-macunaímico?

FERNANDO HENRIQUE — O Macunaíma, do Mário Andrade, é uma espécie de metáfora do espírito nacional. Um dia quer umacosta, outro dia, quer outra. Outro dia está com preguiça. Foi visto, um pouco simploriamente, como o herói sem nenhum caráter. Mas sem nenhum caráter no sentido espanhol — sem marca, porque muda e se adapta. O estilo macunaímico é uma coisa mais topical, enquanto há políticos de um estilo mais seco.

CORREIO — Não é muito difícil que esse estilo faça sucesso aqui no Brasil?

FERNANDO HENRIQUE — É verdade. Mas chega um momento em que talvez caísse tanta palavra, tanta coisa fofa, banal. Chega um momento em que você quer uma coisa mais pragmática.

CORREIO — Alckmin é o nome mais forte do PSDB?

FERNANDO HENRIQUE — O Aécio (*Aécio Neves, governador de Minas Gerais*) é um nome forte também. Esses são os dois mais fortes, porque saem de estados grandes que dão uma boa base. Nós temos quatro nomes: esses dois, mais o Serra (*José Serra, prefeito de São Paulo*) e o Tasso (*Jereissati, senador do Ceará*). Mas o Serra, pelo compromisso que tem hoje em São Paulo, não vai entrar. E não vejo o Tasso com uma motivação forte, apesar de ele ter se mostrado com boa capacidade de liderança no Senado.

CORREIO — Por que o senhor se excluiu?
 FERNANDO HENRIQUE — Eu me excluí sempre. Não sou candidato.

CORREIO — Mas poderia ser candidato em um cenário de crise absoluta?

FERNANDO HENRIQUE — Crise absoluta foi que o Collor teve. Isso não vai acontecer, nem quero que aconteça. Portanto, estou fora. Primeiro, porque há outros. Segundo, porque já fui duas vezes. Além disso, precisa ter uma motivação muito grande. Tive altos e baixos na presidência, mas ando na rua sozinho. Sou bem tratado sempre. Para que vou arriscar? Psicologicamente, não faz sentido.

CORREIO — O PT e o governo Lula só pensam na reeleição?

FERNANDO HENRIQUE — Há sinais nessa direção. Ninguém governa sem alianças. Fiz isso e fui muito criticado pelo PT. Mas tinha um propósito: as reformas. Precisava de 308 votos. Não entendo porque o PT está pretendendo tantas alianças se não tem uma agenda no Congresso e não está mexendo na Constituição. Só pode ser por causa da eleição. Mas esse é um preço muito alto para transformar os partidos nessa geléia.

CORREIO — O senhor viajaria para a Venezuela em dia de disputa da presidência da Câmara?
 FERNANDO HENRIQUE — Não me lembro de ter feito isso. Mas sei como é a vida de um presidente. Os compromissos são impositivos. Às vezes, há má coincidência. Provavelmente, quando ele (*Lula*) decidiu ir à Venezuela, estava convencido de que estava presidindo o maior e o mais sólido partido da história: a nova Arena (*risos*).

CORREIO — Na viagem à Venezuela, o presidente Lula tratou da venda de caças pela Embraer, o que motivou reações. Esse tipo de diplomacia é perigoso?

FERNANDO HENRIQUE — Vamos separar as coisas. A Embraer é uma empresa de capacidade, com um avião de muito boa qualidade, com o qual nós estamos competindo em várias partes do mundo. É uma questão de interesse comercial do Brasil.

CORREIO — Mas e a aproximação com o presidente Hugo Chávez, que parece um espantinho para os americanos?

FERNANDO HENRIQUE — O Brasil tem interesses de aproximação com a Venezuela. O começo desse relacionamento foi feito pelo presidente Itamar Franco. Depois, eu mantive. Isso é tradicional. O complicado é a retórica, porque os fatos são os mesmos. Em um primeiro momento do governo Lula, houve declarações que soaram como tentativa de se imiscuir em assuntos internos da Venezuela. Agora o presidente Lula tem tido certo cuidado, porque ele sabe bem que juntar a imagem dele com a do presidente Chávez pode ser ruim. Eu posso juntar a minha imagem com a do presidente Chávez, porque isso não tem consequências ou impressões políticas.

O EXECUTIVO NÃO DEVE DESORGANIZAR O JOGO PARTIDÁRIO. HOJE, HÁ MAIS LEGENDAS DO QUE PARTIDOS E ESTÁ TUDO DIVIDIDO EM DOIS: GOVERNO E OPOSIÇÃO

so juntar a minha imagem com a do presidente Chávez, porque isso não tem consequências ou impressões políticas.

CORREIO — Há arroubos retóricos na política externa do governo?
 FERNANDO HENRIQUE — Arroubos, há. É a retórica, sobretudo em política internacional, tem custo. A declaração sobre a questão atômica e o enriquecimento de urânio nos custou muito. Era uma coisa que nós fazíamos há muito tempo, mas deu a impressão de que poderia ser além do razoável. Quando isso acontece, aumentam os controles e prejudica.

VEJO QUE O MAIOR ADVERSÁRIO DO GOVERNO LULA É O PT. É POR CAUSA DO ANACRONISMO. PROGRESSISMO NÃO É ISSO QUE ELES PENSAM QUE É. EM NOME DO QUE SE IMAGINA QUE SEJAM OS MELHORES IDEAIS, QUEREM VOLTAR AO PASSADO

CORREIO — O senhor concorda com a avaliação de que é na área externa que o governo Lula obtém seu melhor desempenho? Não houve uma mudança em relação a seu governo?

FERNANDO HENRIQUE — Não percebo essa diferença. Todas essas questões na OMC (*Organização Mundial do Comércio*), sem exceção, foram iniciadas no meu governo. O que o Brasil fez de diferente que eu possa estar contra? Nada, a não ser os arroubos retóricos que não correspondem ao que nós estamos fazendo. O presidente Lula disse agora na Venezuela que nós não precisamos do Norte. Isso não é certo. Um país como o Brasil precisa de todos.

CORREIO — O Itamaraty alega a necessidade de reforçar o diálogo Sul-Sul com os países em estágio de desenvolvimento semelhante ao do Brasil.

FERNANDO HENRIQUE — Af, começa a complicar. Por que o mundo hoje não é mais Sul-Norte. Com essas redes de comunicação que se criaram, com um certo descolamento de partes do mundo, o Norte está no Sul e o Sul está no

Norte. Tem áreas de pobreza em toda parte, e de riqueza também. E os interesses não se dão muito nitidamente, como eram no passado. É uma visão geopolítica anacrônica.

CORREIO — Qual é o fôlego do crescimento econômico do Brasil?
 FERNANDO HENRIQUE — A economia brasileira é forte. Todas as vezes em que tivemos um pouquinho de melhor condição no mundo, ou aqui no Brasil, para avançar, nós avançamos. Nós passamos por uma tremenda crise em 1999, e em 2000 nós crescemos quase 5%. Tendo estímulo externo, como acontece agora, a coisa vai. O Brasil então tem condições. A pergunta é: quanto dura?

CORREIO — Não é mais um voo de galinha?
 FERNANDO HENRIQUE — Não acho. Isso depende de um ciclo que não é nosso. Como você tem hoje a economia globalizada, ninguém mais tem controle sobre esses ciclos. Para saber se dura ou não dura, não basta olhar aqui para dentro. Tem que olhar para fora, basicamente para a economia americana.

CORREIO — Os problemas são os déficits orçamentário e comercial dos Estados Unidos?
 FERNANDO HENRIQUE — É a questão dos déficits, de saber até quando eles vão manter os juros, do índice de desvalorização do dólar. O ministro Palocci, com razão, disse que ele não pode segurar o dólar no Brasil porque a taxa de juros esteja elevada. Não é só isso. Basicamente, o dólar está desvalorizado por causa da condição da economia norte-americana. A coisa é saber como os EUA vão fazer o ajuste. Tomara que venha devagar.

CORREIO — Essas consequências podem ser muito negativas?
 FERNANDO HENRIQUE — Com a crise de 1999, nós ajustamos as variáveis principais. Nós melhoramos as nossas condições de resistir a essas subidas e descidas da economia internacional. O que pode prejudicar essa minha visão otimista é a má coincidência de um ajuste mais forte lá fora e uma falta de controle no gasto aqui. Isso me preocupa, porque houve um aumento de gasto de pessoal muito forte, mais de R\$ 9 bilhões em 2004. Mas o Palocci sabe disso

também. Vai tentar evitar, imagino.

CORREIO — A política do Banco Central está de novo sob fogo amigo por um suposto excesso de conservadorismo na fixação da taxa de juros. O senhor concorda com essas críticas?
 FERNANDO HENRIQUE — Quando o Banco Central atua, sempre há essa percepção. É difícil avaliar. Aconteceu comigo também. Em mais de uma oportunidade, quando você podia baixar as taxas de juros, havia setores no Banco Central que achavam melhor esperar um pouco para ter mais certeza de que iria ter um efeito de inflação. Só que você não controla todos os fatores. Às vezes, não reage uma janela de oportunidade. Depende só de sorte. Se você tiver sorte, o aperto que está havendo agora vai ser positivo. Se você não tiver sorte, vai ser culpado de tudo depois.

CORREIO — Mas a crítica ao Banco Central é cada vez mais forte, principalmente aqui no empresariado de São Paulo.
 FERNANDO HENRIQUE — Essa taxa de juros irrita. Irritava muito a mim, como

deve irritar ao presidente Lula. A gente fica nervoso. O problema é que nós paramos de fazer reforma no Brasil. Não se avançou em mais nada. Os empresários, com razão, estão irritados, mas precisariam ser mais efetivos no sentido de forçar mais as reformas.

CORREIO — É o que falta para os juros caírem?
 FERNANDO HENRIQUE — O problema é que o Brasil é refém da sua dívida interna, que tem a ver com o fato de que o governo gasta muito mais do que pode. Os grandes gargalos continuam aí. Agora está havendo de novo um inchaço da máquina pública. Daqui a pouco, vai-se pagar o preço por isso.

CORREIO — O ministro Antônio Palocci tem esse mesmo diagnóstico?
 FERNANDO HENRIQUE — Não sei. O governo se acomodou, depois que houve um alívio nos mercados aqui e lá fora, depois que o governo Lula não fez o que prometeu. Não adianta falar que disseiram na *Carta aos Brasileiros*. Ninguém leu. Ao primeiro sinal de que eles iam continuar numa linha de reformas, todo mundo considerou que estava resolvido. E todos descansaram.

CORREIO — O governo Lula estará bem aparelhado para enfrentar uma crise externa?
 FERNANDO HENRIQUE — Na área da Fazenda, são as mesmas pessoas, ou com o mesmo espírito, que estão lá. O problema é saber se o setor político vai ter a compreensão e sustentar o setor financeiro. Na crise, não pode haver dúvida. É difícil, porque a população não vai gostar — os políticos também não. O Congresso não entende o mercado. E o mercado não entende o Congresso. Com uma diferença. O mercado leva a sério o Congresso. E o Congresso não leva a sério o mercado.

CORREIO — O que o senhor achou de a reforma do Palácio da Alvorada ser financiada por empresários?

FERNANDO HENRIQUE — Sempre me opus a mexer muito nisso. Há tantas outras coisas mais urgentes, né? Mas o Brasil precisa amadurecer para entender o seguinte: você não pode ter um palácio que não esteja em boas condições. Não é de luxo, mas funcionando. Se precisa ter condições, o governo paga, sem precisar recorrer a empresários.

CORREIO — O que o senhor achou do Aerolula?
 FERNANDO HENRIQUE — Eu falei com o presidente Lula: se você quiser, eu compro o avião. Ele não quis. Agora, ele diz que não quis porque não achava que fosse viajar tanto. Está viajando mais do que eu. O presidente do Brasil precisa de um avião. Mas podem-se discutir duas coisas: é esse o avião? precisa pagar à vista?

CORREIO — Por que o senhor não quis comprar?
 FERNANDO HENRIQUE — O Brasil estava com tantos problemas. Eu e a minha família somos muito pouco mordomios. Nunca fiz uma roupa, nem a Ruth, com dinheiro público. Vendi uma casinha para poder custear minha presença na presidência esses anos todos.

CORREIO — Como é a vida de ex-presidente?
 FERNANDO HENRIQUE — Quando comparo com a de presidente, é muito boa (*risos*). Tenho a vida bastante ocupada, mas agora posso ler mais, ir ao cinema. Vou mais a Ibiúna (*cidade do Interior de São Paulo*), posso estar mais com os meus amigos.

CORREIO — Ainda tem saudade da piscina do Alvorada?
 FERNANDO HENRIQUE — Aquela piscina é boa (*risos*). Na minha chácara em Ibiúna, a piscina é pequeninha, não dá gosto. Sinto falta de helicóptero, também. Vou com o governador e foi bom. Mas sinto falta mesmo é das pessoas. Não fico olhando para o passado.

CORREIO — Por que o senhor incomoda tanto o PT?
 FERNANDO HENRIQUE — Não sei. Eles reagem desproporcionalmente. Eu normalmente sou muito moderado nas críticas.

CORREIO — Mas o senhor recomendou ao presidente Lula que lesse mais sobre história do Brasil.
 FERNANDO HENRIQUE — Mas ele está achando que está inventando a roda. A cada lugar que vai, diz que está fazendo pela primeira vez na história. Peraí, vai ler um pouco. Ex-presidente tem a obrigação de dar a sua opinião, com prudência. No exterior, omito todas as críticas e só falo as coisas positivas. Sou um intelectual, um cidadão, presidente de honra de um partido. Não vou calar a boca.

